Concinnitas 33 e 34

Apresentação

Alexandre Sá¹

Talvez uma pergunta seja fundamental antes mesmo de começarmos alguma leitura: - “Quem nos lê? ” Ou melhor, como seria possível fraturar uma lógica extenuante de produção crítica e intelectual que eventualmente parece apartada de um público-alvo que por sua vez, talvez já não mais saibamos quem o é? De outra forma, uma revista acadêmica em dias de horror é destinada a quem?

Para além de um cumprimento de normas, regras e formatações, a revista acadêmica merece resistir para além de sua lógica quantitativa de pontuação, números e silêncios. Talvez ainda haja algo de resistência, não unicamente política, mas poética; no sentido de investir e produzir um infinito número de páginas que estarão à disposição de quem quer que seja. De acreditar e promover uma leitura sem enorme cobiça de finalização e inteireza. De ainda ser capaz de erigir um conjunto enevado de vozes, debates, provocações, dúvidas e angústias que talvez precisará de muito tempo para que seja processado e absorvido pelo pensamento (em seu devir-conjunto).

Começamos esse número faz muito tempo. Talvez ainda nos primórdios do primeiro semestre de 2018. E por alguma razão, que esperamos ser para além da nossa qualificação, a quantidade de material recebido, avaliado, devolvido, ratificado, reescrito, repensado foi enorme. Por acreditarmos ainda que se trata de um movimento de democratização, nosso trabalho praticamente foi um fluxo-contínuo. E quando dizemos nosso, estamos envolvendo todos xs agentes dessa empreitada: autorxs, professorxs, consultorxs, avaliadorxs, estagiárixs, voluntárixs, artistas, alunxs, críticxs, curadorxs e funcionárixs.

¹Alexandre Sá é artista, psicanalista, crítico e curador. Atualmente é professor do Instituto de Artes da Uerj e do Programa de Pós-graduação em Artes da Uerj. É membro e coordenador geral do fórum do campo laciano de Niterói.

Diante de tal volume de material, optamos por dividir a edição em duas partes. Temos agora dois números sobre o mesmo tema, que por sua vez, talvez precisasse de muitas outras edições para se aproximar com justeza de um conjunto imbricado de relações que vieram se descortinando ao longo do tempo e na paisagem.

A única certeza que tínhamos era o interesse de discutir as relações entre arte e censura. Não de maneira direta, mas de forma espraçada, fragmentária e inevitavelmente, sagaz. Talvez tenhamos perseguido a ideia de censura que ingenuamente conseguiu se disfarçar de personagem remota, e que ao longo dos anos reapareceu vagorosamente e de forma ambígua, já que estávamos então nos autorizando e inevitavelmente, gozando, da posição de censores. Inicialmente por uma fala pública, entrópica, digital e não-localizável e posteriormente, em algumas ações que além de vergonhosas, terminam por ignorar e desconhecer o conjunto histórico de códigos que alimentam a arte, em sua produção e fruição; o que ainda hoje, nos assusta terrivelmente. Cabe-nos então, como pensadores, rever tal trajetória, tentar, mesmo que fadados ao fracasso, elucidar questões à princípio, herméticas, e esperar que novas edições como essa, frutifiquem diante de um cenário que, por diversas razões, endossou o lugar, paradoxalmente confortável e ingenuamente perverso, do algoz e do juiz.